

DANÇA DE BEBÊS NO PROJETO CANGURU – CARTOGRAFANDO CRIAÇÕES

Juliana Costa Ribeiro ¹

RESUMO

Os bebês estabelecem suas comunicações com o mundo através da linguagem corporal. Antes do desenvolvimento da linguagem verbal e todo o seu protagonismo durante a vida, todos têm a linguagem corporal como principal via comunicacional. Desse modo, em certos aspectos, os bebês se aproximam do fazer da dança. Neste artigo foram analisadas as criações de movimento de bebês em aulas do “Projeto Canguru – dança para bebês” que acontece em João Pessoa/PB desde 2014. Para tanto fez-se necessário ampliar os conhecimentos sobre bebês, suas características e diferenças das crianças (Tebet, 2013). Foi criada uma conceituação de dança como fluxo de metáforas do corpo em movimento a partir das metáforas cognitivas de Lakoff e Johnson (2002). Desse modo a metodologia empregada foi a cartografia com enfoque no trabalho desenvolvido por Deligny (2015) que mapeava trajetórias e fazia uso de mapas-base para analisar eventos. Posteriormente foram analisadas as movimentações de bebês que participaram do projeto em 2022.2, e que frequentavam a turma de um ano a um ano e onze meses de idade. As aulas do Projeto Canguru seguiram a metodologia de aulas criada especificamente para esse projeto que segue a rotina de chegada (com música do “Bom dia”); desenvolvimento da temática do dia (com criação de movimentos e exploração de materiais não estruturados); fruição (apresentação artística) e finalização com a ciranda (com a música “Ciranda Canguru”). As aulas foram filmadas e fotografadas com autorização dos responsáveis legais. Por fim realizou-se a cartografia das criações dos bebês relacionando-as com a linguagem da dança. Fruir a criação dos bebês contribui para a desierarquização das relações entre adultos e bebês, abrindo possibilidades de criação de novos mundos.

Palavras-chave: Dança de bebês, Projeto Canguru, Criação em Dança, Interação.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge de uma necessidade de adentrar no universo do bebê. O pensar, agir, sentir e conhecer pelo movimento nos primeiros anos de vida aproximam-se de alguma forma do conhecimento da dança. Assim sendo, em 2014, na Universidade Federal da Paraíba, foi criado um curso de extensão chamado “Projeto Canguru - dança para bebês” que ofereceu aulas de dança para a faixa etária de zero a 35 meses, a fim de investigar este momento da vida.

¹ Professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, julianapolo@hotmail.com;



Nessa pesquisa procuramos investigar as criações dos bebês na linguagem da dança durante as aulas. Utilizando o método cartográfico, em que a realidade não está dada, mas sim construída a partir das ações dos envolvidos, filmamos e fotografamos as aulas que aconteceram no segundo semestre de 2022 na turma de bebês de um ano a um ano e onze meses. Em seguida foram escolhidos trechos das aulas para análise e discussão. Esta pesquisa faz parte da tese de Doutorado em Educação Artística da Universidade de Lisboa, com orientação dos professores doutor Jorge Ramos do Ó e doutor Tiago Almeida. Nesse artigo vamos analisar apenas um bebê da pesquisa e apresentar resultados parciais.

No Projeto Canguru o principal objetivo era aprofundar os vínculos afetivos de bebês e seus cuidadores por meio da dança. Para tanto foi criada uma metodologia de aula que contemplava movimentações criativas tanto dos adultos quanto dos pequenos. Para atingir essa finalidade a aula era dividida em quatro momentos: o “Bom dia”, quando era cantada uma música com o nome de cada bebê; o desenvolvimento da temática da aula, com instruções para criação de movimento e uso de materiais para estimulação sensorial; a fruição, momento em que eram realizadas uma apresentação artística para os participantes e a ciranda, que todos dançavam e cantavam, finalizando a aula.

Nunca tive a perspectiva de que o bebê era um ser frágil, indefeso e incapaz. A prática me mostrou muito mais do que isso. Surgiram em minhas salas de aula pesquisadores, seres curiosos e persistentes, ávidos por conhecer o mundo numa velocidade desconcertante. Foi interessante a aposta na interação entre adultos e bebês como principal objetivo a ser alcançado. Coube-me a tarefa de ensinar os adultos a criarem movimentos dançados e, aos bebês, trazer a escuta de seus desejos e propor interações. Assim, os encontros tornaram-se um ambiente de pesquisa para todos os envolvidos, respeitando os limites e possibilidades criativas de todos os participantes.

De algum modo, percebi que os adultos estavam revisitando suas infâncias. As propostas lúdicas, o prazer de brincar e criar com o corpo fortaleciam a cumplicidade da família, ao ponto de esse jeito de brincar extrapolar a sala de aula e passar a habitar a casa dos participantes. Todavia, vivenciar essa infância não é tarefa fácil e para isso me aproximei daqueles que oficialmente estão nesta jornada, em pleno processo de aprendizado: os bebês. A curiosidade e a vontade de aprender a aprender foi o que sempre me motivou a entrar nesta jornada.



METODOLOGIA

O método cartográfico foi utilizado para a realização da pesquisa. Por meio dele, não há a ideia de realidade *a priori*, mas uma construção que foi se dando nas relações que foram sendo estabelecidas entre pesquisadora e pesquisa. O “objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar” (Passos et al., 2015, p. 18). O trabalho aconteceu de modo coparticipativo, evitando hierarquização, apostando no diálogo tanto das teorias e práticas, quanto do envolvidos, num trabalho coletivo em que todos contribuíram com seus conhecimentos e experiências. Como nos explicam Passos et al. (2015, p. 33), fizemos uma política cognitiva construtivista, “um tipo de atitude ou de relação encarnada, no sentido de que não é consciente, que se estabelece com o conhecimento, com o mundo e consigo mesmo”.

Utilizando a cartografia proposta pelo pedagogo Fernand Deligny (2015), fomos criando um diálogo possível com as trajetórias e ações dos bebês nas aulas de dança do Projeto Canguru. Buscou-se no agir vestígios dos gestos de tudo o que foge ao esperado, o que é inesperado, inventivo, criativo. As aulas de dança ocorreram sem a pretensão de que os bebês nem seus cuidadores aprendessem movimentos definidos. Partimos de propostas que convidaram os participantes a criar suas movimentações e interações. Agimos como o mestre ignorante de Rancière (2023), que ensina aquilo que não conhece. As aulas foram organizadas para que cada um construísse seus conhecimentos a partir dos próprios interesses, investigações corporais e conexões com os outros.

Nunca houve um lugar estruturado para se chegar com as aulas. As instruções dadas, com o uso das metáforas alinhadas ao tema de cada encontro, facilitavam tal modo de agir. Tratou-se de um laboratório de experiências e experimentações com a finalidade de estreitar vínculos, criar movimentos pelo prazer deste fazer, saborear sensações e emoções, testemunhar e contribuir para a criação de vivências individuais e coletivas.

As aulas realizadas para a pesquisa de campo aconteceram entre 13 de agosto de 2022 a 3 de dezembro do mesmo ano. Os registros foram feitos por fotografias² e filmagens em plano geral e câmera parada. Foram assistidas e transcritas todas as filmagens realizadas das aulas. Para além da transcrição monótona das ações dos participantes, o interesse voltou-se para perceber os desvios. Estes muitas vezes não foram óbvios, pois era preciso um certo treino para sair da lógica de ação adulta e abrir a

² Realizadas pela fotógrafa Ewellyn Lima, contratada exclusivamente para esta finalidade.



percepção para as transgressões dos pequenos. Foi criando o que já estava lá que passei a encontrar nexos comunicacionais nas ações dos bebês.

Assim, destaquei para esta pesquisa alguns momentos das aulas vivenciadas produzindo mapas a partir das trajetórias, ações executadas, interações e afetos. Alguns dos destaques foram justamente de momentos de crise, quando o adulto desejava cumprir as instruções das aulas e os pequenos transgrediam as regras adultas para atender suas necessidades criativas e curiosidades referentes às suas pesquisas pessoais. Estes momentos são chamados por Deligny (2015) de linhas de errância, momentos em que há um desvio do projeto pensado pelos adultos. Outros destaques seguiram as linhas costumeiras, quando se realiza o que se espera para aquele momento ou atividade. Mesmo realizando o esperado (a atividade ou interação dentro da proposta do momento), os destaques apresentam momentos criativos, inventivos e soluções próprias dos bebês.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao pesquisarmos sobre bebês e dança faz-se necessário compreender sob qual perspectiva entende-se um bebê e qual o conceito de dança que está sendo trabalhado. Porque discutir danças de bebês não faz sentido de partida a depender desses entendimentos.

No final do século passado, na Europa, iniciou-se um movimento de valorização da criança e da infância. A sociologia avançou nas questões referentes aos pequenos, que passaram a ser identificados como sujeitos históricos, criadores de cultura e com um papel ativo na sociedade (Corsaro, 2011). Compreendeu-se que a infância é uma construção social (James & Prout, 1997): seres humanos nascem biologicamente imaturos (característica da espécie) e, com as interações sociais e ambientais, que variam conforme a cultura e localização geográfica, vão vivenciando o que nomeamos de infância. Assim, por sua característica social, a infância é ajustada de acordo com a classe social, o gênero, a etnia e todas as variáveis que constituem uma pessoa em sociedade.

Todavia, apesar da mudança no conceito de criança e o crescente número de estudos sobre o assunto, os bebês permaneceram à margem das discussões. A maior parte das pesquisas realizadas elegeram crianças maiores, provavelmente pelo fato delas se comunicarem pela fala, o que facilitava o processo. Entretanto, há aspectos importantes que precisam ser ressaltados a respeito das diferenças entre crianças e bebês.



Atenta a essa questão, a antropóloga americana Alma Gottlieb (2009) destacou a importância de buscar outras formas comunicacionais, tais como a comunicação sensorial, corporal, do movimento. Sua aposta seria em aprofundar a respeito dos modos como os bebês se comunicam, para além dos modelos verbais dos adultos. Assim, o caminho que a autora propôs foi o de somatizar os métodos, trazendo o corpo, os sentidos e o movimento com seus modos e comunicação como prioridade (Gottlieb, 2009, p. 323).

Assim sendo, é urgente perceber as diferenças entre crianças e bebês e estabelecer metodologias próprias para cada público. Tebet (2013) defende em sua tese que um bebê não é uma criança, uma vez que não é um ser individuado, ou seja, os conceitos de gênero, raça, status social, entre tantos outros não fazem parte de seu entendimento de mundo.

As pesquisadoras Tebet e Abramowicz (2018, p. 936) estabelecem diferenças entre bebê e criança. Ampliam as discussões sobre os modos de ser e estar de um bebê assim como seus processos singulares.

Falar de bebê a partir das noções de individuação, pré-individual, singularidade e devir é falar de um ser que guarda todos os possíveis, que permitem o processo de individuação. Ressaltar o caráter pré-individual do bebê, portanto, não significa negar o bebê como um ser (uma pessoa) que, desde o seu nascimento, participa e interage com os elementos humanos e não humanos da sociedade, impacta sobre ela e constrói aprendizagens diversas. Significa reconhecer que o bebê o faz de um modo singular, ainda abrindo o campo do possível e das possibilidades, na medida em que não foi assujeitado às normas e aos padrões da sociedade, não foi submetido totalmente aos dispositivos de construção de indivíduos. E é esta condição que torna o bebê um ser tão potente e singular.

Apesar da argumentação, o termo pré-individual contém o prefixo pré, que indica anterioridade. Essa nomenclatura acaba sugerindo uma linearidade no processo do bebê, ressaltando sua etapa anterior a da criança, como alguém que ainda não é. E ainda, a potência humana não vai decaindo com o tempo. Um bebê é potente, uma criança é potente, um adulto é potente, um ancião é potente. Certamente são modos diferentes, mas não menores.

Feitas essas ressalvas, a ideia de individuação, em curso no bebê, parece sofrer alteração considerável, ao ponto de a criança reivindicar que não é mais um bebê. Ao fazê-lo, ela declara um domínio e elaboração de uma linguagem conceitual, nesse caso manifestado na fala, mas que pode ser observada de outros modos em crianças que, por algum motivo, não desenvolvem a linguagem falada. O reconhecimento de si, do próprio nome, das pessoas que convive, de objetos vai acontecendo ao longo da jornada. Na



transição, o bebê/criança começa a entender não só a nomeação do objeto, mas suas funções e utilizações.

Então, a noção de bebê nesta pesquisa compreende os processos de individuação em curso, suas potencialidades ainda não limitadas por elaboração própria de conceitos de gênero, raça, posição social, entre outros, e a sua capacidade de produção de cultura, uma vez que age intencionalmente no mundo, de modos singulares, impactando e modificando seu ambiente. Isso num ambiente complexo, onde as possibilidades de ação estão em negociação com seus cuidadores que elaboram conceitos a partir de suas vivências pessoais e coletivas de acordo com suas culturas.

A pesquisa investiga a possibilidade de bebês produzirem dança. O interesse está em abrir a discussão sobre processos criativos e subjetividades nas experimentações propostas pelo Projeto Canguru, numa perspectiva ampla, ou seja, processos disparados nas aulas de dança para bebê em diálogo com toda a conjuntura social, geográfica, cultural em que o bebê vive e suas possibilidades corporais e comunicativas. Um bebê que ainda não elabora conceitos, mas que pode ou não conseguir estabelecer sentidos em sua movimentação. Para tanto é preciso de um conceito de dança que alcance produções dessa natureza.

O conceito trabalhado aqui é que dança é fluxo de metáforas de um corpo em movimento. As metáforas a que nos referimos são cognitivas, como propuseram os linguistas Lakoff e Jonhson (2002). Para eles, as metáforas fazem parte do cotidiano da vida humana, extrapolando a retórica; elas estão infiltradas nos modos de pensar e agir. Para tanto, as metáforas são estabelecidas a partir das vivências corporais das pessoas no ambiente cultural em que estão inseridas, significando e articulando-as em conceitos. Para esses autores, “o sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (Lakoff & Jonhson, 2002, p. 45).

Assim sendo, dar significado a algo, ou seja, traduzi-lo em palavras, passa anteriormente por um amplo processo metafórico. Este vai se estabelecendo na relação com o ambiente e, portanto, com todo o arcabouço cultural. Antes mesmo do estabelecimento da linguagem falada tais processos estão presentes e se articulando corporalmente com as experiências, resultando em aprendizados.

A significação compreende os esquemas da experiência corporal e das estruturas pré-concebidas da nossa sensibilidade, nosso modo de percepção, nossa maneira de orientar e de interagir com outros objetos, eventos ou



pessoas. Estes esquemas, sempre corporalmente inscritos, não pertencem unicamente àqueles que têm a experiência. Nossa comunidade nos ajuda a determinar a natureza de nossa compreensão sempre coerente com a do mundo ao nosso redor (Greiner, 2005, p. 43).

O que estamos propondo até aqui é que as linguagens acontecem como uma organização do fluxo de metáforas que ocorrem no sistema conceptual que geram os conceitos e moldam a forma como existimos e interagimos. A linguagem verbal é notadamente a mais reconhecida em sua forma de comunicação por meio da fala e da escrita. Todavia, as linguagens corporais estão a todo momento trazendo informações relevantes, que influenciam no modo de agir e interagir.

A propósito, uma pessoa dançando é a materialização de um fluxo de metáforas. Sua significação não necessariamente passa pela/para a racionalidade. Ela acontece como modo de auto-organização e comunicação do dançarino que trabalha conceitos muitas vezes não traduzíveis ou apenas parcialmente traduzíveis em pensamentos ou palavras. Ao mover-se, o dançarino conecta sentidos ao movimento, as metáforas, muitas vezes de modo não racionalizado, movendo entendimentos e comunicando conhecimentos na linguagem da dança.

Para o semiótico Ruthrof (2010), a linguagem verbal é um “parasita” da linguagem corporal. A língua materna se estabelece nomeando e ressignificando todo o mundo não-verbal estabelecido. Ao oferecer dança a bebês trazemos essa linguagem como um modo possível de comunicação. Assim se coloca o desafio do ensinar dança: propiciar experiências em que os pequenos vivenciem movimentações que se conectem com um fluxo próprio de metáforas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Cartografando a sequência de giros de Igor



Fonte: Elaboração própria.

O mapa acima representa as possibilidades de caminhos percorridos por Igor na terceira aula de dança. Nas aulas os bebês e seus cuidadores tiveram a liberdade de percorrer o mapa de acordo com suas vontades e necessidades, criando os próprios percursos, com autonomia para escreverem suas histórias. Esses conceitos estavam implícitos na forma como a aula era conduzida, nas relações estabelecidas entre os monitores, pesquisadora, professora, fotógrafa, bebês e cuidadores. A todo momento estimulamos os adultos a permitirem que os bebês explorassem e interagissem com o ambiente e com as pessoas.

Observamos ativamente as ações dos bebês, incentivando-os e elogiando a cada novo feito ou nova exploração. A equipe estava atenta e comentando suas percepções com os cuidadores, ampliando assim o olhar do adulto para o bebê. Houve no trabalho uma construção de relações mais horizontais (menos hierárquicas) nas relações adulto/bebê. Tudo isso fez com que o encontro semanal se tornasse um grande laboratório de pesquisa. A seguir serão pontuados e analisados um momento vivido por Igor durante a pesquisa.

Na terceira aula, que teve como tema o balé, foram distribuídos leques de papel como referência aos leques usados no balé Dom Quixote. Igor, um bebê de um ano e meio, pegou o material e ficou abanando. Sua mãe balançou o leque bem perto dele, produzindo um pouco de vento. Igor foi brincar com o monitor Victor e com vários bebês de abanar. Igor correu até a janela e sua mãe o chamou.



Eis que, ao voltar, Igor correu para o centro da roda e começou a abanar o leque de papel. Nesse momento a música que começou a tocar foi o solo da personagem principal de Dom Quixote, Kitri, exatamente no momento da coreografia que ela faz uma sequência de giros numa diagonal (no balé)³. Ele continuou abanando e começou a girar com um sorriso no rosto. A mãe alertou “vai ficar bêbado”, querendo explicá-lo que ficaria com tontura. Igor continuou rodando e se deslocando para perto da mãe. O sorriso se desfez, provavelmente porque ele começou a ficar tonto. Os giros foram ficando mais lentos e a mãe continuou alertando “vai cair”. Após vinte segundo de giro Igor se desequilibrou e a mãe o segurou. Ele parou, sorriu e ficou olhando para o espaço, certamente vivenciando a vertigem. Seu tronco oscilava levemente, mas os pés estavam bem apoiados no chão. Ele deu mais um giro completo e sentou-se ao lado da mãe. Ele ficou em quatro apoios (pés e mãos) para se levantar, mas o braço direito dobrou e ele acabou deitado no chão de barriga para baixo bem na hora que a música terminou. A mãe pegou Igor e o colocou no colo.

Aqueles trinta segundos de experimentação do giro até a queda foram completamente autorais. Não havia sido explorado movimentos giratórios até então nessa aula. Quando aconteceu essa sequência criada pelo bebê, a orientação era de abanar o leque. Obviamente todo e qualquer movimento era bem-vindo. Era comum, nos encontros, cuidadores e bebês estarem se dedicando a outras ações, diferentes das instruções do momento.

Houve três vivências diferentes desse momento: o que aconteceu com o bebê, com a mãe e com a pesquisadora, quando assistia à cena pelo vídeo. E agora pode-se incluir a quarta vivência, que foi de quem leu a descrição da cena.

Igor iniciou uma experimentação criativa de movimento ao abanar o leque e iniciar um giro. Ao realizar essa ação, o ato de girar foi ganhando importância a ponto dele parar o movimento do leque e intensificar o giro, aumentando a velocidade que executava. Aqui, Igor subverteu a orientação de interagir com o leque e negligenciou os avisos da mãe que ele vai cair. Sua decisão foi de girar, experimentando esse novo estado corporal até o limite da queda. O bebê simplesmente decidiu e agiu. Sua pesquisa de movimentos gerou mudanças corporais que passaram a ser vivenciados e investigados. Era provável que não existisse nenhuma outra intenção no seu modo de agir que não fosse

³ Link de um vídeo do balé de D. Quixote: <https://www.youtube.com/watch?v=cBHH4NjbKyo>



experimental o giro. Todavia, uma vez que entrou no fluxo contínuo do giro, passou a perceber novas sensações corporais que foram se intensificando a cada movimento.

Igor, naquele instante, fez uma pesquisa de um elemento da dança. Mas não é exatamente o movimento que interessa e sim o que se passa ao realizá-lo. Ao observar não foi possível saber que relações o bebê criou com aquela experiência. Mas algo fez com que ele desejasse continuar. Ali Igor descobriu ou revisitou as sensações provocadas pelo girar, pela vertigem, e pelo cair. Fez porque sim, por curiosidade, pelo desejo da exploração.

Ou seja, a linguagem da dança tomou espaço e apropriou-se dele. Isso porque não havia nenhuma intenção que não fosse mover-se. E ao mover, surgiu o interesse pelo movimento aliado às sensações trazidas por ele. Esse deslocamento de sentido, do girar para a vertigem, do parar e o mundo girar, do preparar-se para levantar-se e terminar no chão é fluxo de metáforas de seu corpo em movimento. Ainda que Igor não tivesse consciência do que estava acontecendo, ele estava produzindo dança.

Enquanto isso a mãe, com sua observação atenta e cumprindo o papel de cuidar do filho para evitar acidentes, alertou-o verbalmente, segurou-o impedindo uma queda, colocou no colo impedindo-o de recomeçar sua pesquisa. É preciso ressaltar que a mãe de Igor costumava deixá-lo bastante à vontade nos encontros do Canguru. Não o impedia de correr pela sala e interagir com outras famílias e os monitores. Neste momento específico ela temeu pela integridade física do filho e, por isso, interveio.

Quando tudo ocorreu eu estava interagindo com outros bebês, não presenciando naquele momento a dança de Igor. Foi assistindo ao vídeo que pude fruir aquela dança. Impossível, para mim, não colar a imagem da bailarina solista executando uma sequência de giros no exato momento da música em que Igor fica rodando no meio da sala. Ver a cena disparou um fluxo de metáforas imediatamente. Como uma expectadora emancipada de Rancière (2012), a dança que assisti foi modificando sensações, sentimentos, pensamentos. Muitas relações entre o que via e minhas experiências anteriores foram acontecendo e se transformando. Criou-se em mim um novo mundo, onde inclui-se um bebê-pesquisador-artista. Testemunhei um bebê explorando seu corpo, criando relações entre suas sensações e ações, sem nenhuma pretensão estética, menos ainda de organizar esse momento em um produto artístico.

É provável que a essa altura nem Igor nem a mãe lembrem-se desse momento. E, caso eles tenham contato com as imagens, haverá uma outra percepção e compreensão do ocorrido. O olhar da pesquisadora, suas percepções e divagações sobre as ações ocorridas



inexoravelmente modificam os olhares das pessoas que, porventura, tenham a oportunidade de assisti-lo. A comunicação daquelas ações e o status de dança de bebês são uma construção social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando este artigo, percebo que tudo está em movimento e transformação e que, apesar do ponto final estar próximo, nada é efetivamente o fim. O Projeto Canguru segue com seu trabalho consolidado na cidade de João Pessoa, sendo reconhecido pela comunidade da dança. As famílias que já passaram pelo projeto compreendem e valorizam sua importância, além de guardarem boas recordações dos momentos vividos. Após onze anos de trabalho ininterrupto, já aconteceu de encontrar algum pré-adolescente que foi bebê Canguru. Seus caminhos com as artes em geral e com a dança em específico são diversos, uma vez que a mediação dos cuidadores durante suas vidas é fundamental para a viabilidade e sustentação dessas relações.

Houve, no decorrer da pesquisa, uma transformação nos entendimentos sobre o que é e o que pode um bebê, sobre a potência comunicativa e vital da dança. Fruir danças de bebês conecta com a complexidade do conhecimento do corpo e reafirma a importância do trabalho realizado semanalmente, aos sábados, nas salas de aula do Canguru. Dança de bebês é um assunto ainda muito pouco explorado em pesquisas acadêmicas, mas que faz parte do cotidiano dos bebês em suas pesquisas corporais.

REFERÊNCIAS

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.

DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: N-1, 2015.

GOTTLIEB, A. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). **Revista de Psicologia USP**, 20(3), 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000300002>

GREINER, C. **O Corpo – Pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

JAMES, A., & PROUT, A. **Constructing and reconstructing childhood: Contemporary issues in the sociological study of childhood**. Nova Iorque: RoutledgeFalmer, 1997.



LAKOFF, G., & JONHSON, M. **Metáforas da vida cotidiana** (Vera Maluf, trad.). Campinas: Mercado das Letras, 2002.

PASSOS, E., KASTRUP, V., & ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Sulina, 2015.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. Rio e Janeiro: Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** – Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

RUTHROF, H. How to get the bodyback into language. **RIFL: Rivista Italiana Filosofia del Linguaggio**, 2, 136-151, 2010.
http://researchrepository.murdoch.edu.au/12778/1/how_to_get_the_body.pdf

TEBET, G. **Isto não é uma criança!** Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa [Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCar, 2013.
<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2307?show=full>

TEBET, G., & ABRAMOWICZ, A. Estudos de bebês: Linhas e perspectivas de um campo em construção. **ETD - Educação Temática Digital**, 20(4), 924-946, 2018.

